

## O PERFIL MULTIMODAL DO EDITORIAL DE REVISTA<sup>1</sup>

### THE MULTIMODAL PROFILE OF EDITORIALS FROM MAGAZINES

Francisco Roberto da Silva Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** *Tendo como base as teorias em torno da multimodalidade discursiva, com destaque para Kress & van Leeuwen (2006), buscamos analisar os elementos visuais utilizados em editoriais de revistas de grande circulação nacional, ou seja, a Época, a Veja e a Istoé, tentando perceber de que maneira tais elementos compõem o arranjo genérico desses textos e corroboram na consolidação de seus propósitos comunicativos. O corpus compreende um total de 18 editoriais, sendo 6 de cada uma das revistas supracitadas. Os resultados mostram que os suportes investigados, ou seja, Época, Veja e Istoé, constituem para seus respectivos editoriais uma espécie de padronização no uso dos recursos multimodais que os compõem. Esses modelos diferem de uma revista para outra e podem ser mais rígidos (como na Veja e na Istoé) ou mais plásticos (como na Época). Observa-se também que, apesar de seguirem modelos distintos, os editoriais dos diferentes suportes pesquisados apresentam muitos recursos multimodais comuns entre si, o que pode evidenciar a existência de um padrão multimodal global do gênero editorial de revista. O uso de signos não-linguísticos atrelados ao texto escrito torna esse gênero, a nosso ver, mais informativo e atraente, além de fazer com que o processo de leitura se transforme em uma atividade cognitiva mais complexa e desafiadora para o leitor.*

**Palavras-chave:** *Multimodalidade discursiva; Editorial de revista; Perfil multimodal.*

**Abstract:** *Based on the theories on discursive multimodality, highlighting Kress & van Leeuwen (2006), one seeks to analyze the visual elements used in editorials in magazines of wide circulation, i.e. Época, Veja and Isto é, trying to understand how these elements make up the general arrangement of the texts and corroborate the consolidation of their communicative purposes. The corpus comprises 18 editorials, 6 of each of the magazines mentioned above. The results show that the investigated media, that is Época, Veja and Isto é, form for their respective editorials a kind of standardization in the use of multimodal resources which compose them. These models differ from one magazine to another and may be more rigid (as in Veja and Isto é) or more plastic (as in Época). It is also noted that, despite following different models, the editorials of different researched media have many multimodal features common with each other, what can demonstrate the existence of an overall multimodal pattern of the genre editorial from magazine. The use of non-linguistic signs tied to the written text makes that genre, in our opinion, more informative and attractive, and make the process of reading becomes a more complex and challenging cognitive activity to the reader.*

**Keywords:** *Discursive multimodality; Editorials from magazines; Multimodal profile.*

## 1 Introdução

Os estudos acerca da multimodalidade discursiva constituem caminhos diversos de investigação, mostrando-se ser, atualmente, um campo muito fértil na área acadêmica. Esses trabalhos estão postulados na ideia de que os significados negociados pelo produtor e o

---

<sup>1</sup> Este artigo consiste num recorte de minha dissertação de Mestrado, intitulada “Multimodalidade e produção de sentidos no editorial de revista”, defendida em junho de 2011.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Encanto, Brasil, e-mail: [frbertossantos@hotmail.com](mailto:frbertossantos@hotmail.com)

receptor de um texto não se restringem somente aos signos linguísticos, mas estão contidos também nos signos não-linguísticos.

É nesse campo de investigação que esse trabalho se localiza. Tendo como base as teorias sobre a multimodalidade discursiva, com destaque para Kress & van Leeuwen (2006), buscamos analisar os elementos visuais utilizados em editoriais de revistas de grande circulação nacional, ou seja, a *Época*, a *Veja* e a *Istoé*, tentando perceber de que maneira tais elementos compõem o arranjo genérico desses textos e corroboram na consolidação de seus propósitos comunicativos.

Iniciamos com um breve percurso teórico sobre as discussões em torno da multimodalidade e do conceito de composição visual apresentado por Kress & van Leeuwen (2006), além de expormos alguns comentários a respeito do editorial, gênero sobre o qual se volta nossas análises. Em seguida, após explicarmos como se deu nossa metodologia, apresentamos nossas análises, destacando cada um dos suportes investigados e, depois, mostrando um apanhado geral e comparativo de todo o *corpus*.

## 2 A multimodalidade discursiva

A pós-modernidade, com os avanços tecnológicos, principalmente nos meios de comunicação, propiciou o surgimento de uma infinidade de gêneros emergentes (MARCUSCHI, 2005), gerados pelas novas relações sociointerativas que se estabeleceram. Além disso, os textos escritos passaram a empregar uma maior quantidade de elementos não-verbais em suas construções. Esse novo cenário demanda a necessidade de suplantarmos a errônea ideia de que as modalidades escrita e falada da língua são as únicas formas de representação de informação existentes.

Mozdzenski (2008) também destaca essa mudança no tratamento dos textos que circulam socialmente, tanto na sua produção quanto na sua leitura. O autor assinala que “até pouco tempo, os modos de representação comunicacional dos textos verbais (fala e escrita) e não-verbais (imagens, sons, gestos etc.) eram tratados de maneira isolada e estanque, consoante suas especificidades. Tais fronteiras, no entanto, tornam-se cada vez mais tênues.” (MOZDZENSKI, 2008, p. 21). O estudioso ainda acrescenta que o processo de leitura de um texto multimodal deve ocorrer de maneira integrada entre os elementos verbais e os elementos visuais, caso contrário, a compreensão da unidade global do texto será afetada.

Dionísio (2005a, p. 191) argumenta que, com o intuito de estabelecer uma comunicação inteligível com o leitor, “o escritor pode jogar com uma variedade de formas em diferentes situações sociais e com diferentes objetivos. As formas visuais dessas ações sociais, resultantes das infinitas possibilidades de orquestração entre imagens e palavra, surpreendem o leitor, agradando-o ou não”. Os recursos visuais unem-se aos elementos linguísticos não apenas para ilustrar o que é dito pelo texto verbal, mas para trazer novos sentidos, corroborando para a significação global do gênero, pois, conforme a autora, “todos os elementos visuais e suas disposições nos textos podem ser analisados, uma vez que desempenham um trabalho persuasivo” (DIONÍSIO, 2005a, p. 195).

Também para Kress & van Leeuwen (2006), os elementos visuais de qualquer composição não devem ser tratados displicentemente, pois eles agregam novos significados para o todo. Esses autores defendem que “as estruturas visuais nunca são meramente formais: elas têm uma dimensão semântica profundamente importante”<sup>3</sup> (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 47) e, portanto, se posicionam contrários em relação às teorias semióticas tradicionais que imputavam ao modo visual um papel meramente ilustrativo, ou até mesmo alegórico em relação ao texto verbal.

O processamento das imagens deve ocorrer com o mesmo rigor racional e crítico que a leitura da palavra encerra, de forma a considerar sua dimensão socioideológica. Para Kress & van Leeuwen (2006, p. 20), “numa cultura alfabetizada os meios visuais da comunicação são expressões racionais de significados culturais propícios a julgamentos e análises racionais”. É por isso que esses autores propõem uma teoria de análise de elementos visuais. A Gramática do *Design Visual* (GDV), como ficou conhecida essa teoria, compreende as imagens como estruturas sintáticas que podem ser examinadas do mesmo modo que a língua. Isso é viável pelo fato de o método de Kress & van Leeuwen (2006) ter suas bases na Linguística Sistêmico-Funcional, a qual pode ser adequada para a análise sintática de qualquer sistema semiótico, inclusive a imagem, já que o que interessa a esse modelo é o estudo da função, e não da forma.

### **3 A composição visual**

Dentro do modelo riquíssimo criado por Kress & van Leeuwen (2006), na GDV, para a análise de textos e outros tipos de artefatos multimodais, gostaríamos de nos deter, com

---

<sup>3</sup> Neste artigo, apresentamos traduções livres de Kress & van Leeuwen (2006).

vistas a atender aos objetivos deste artigo, às considerações que os autores fazem a respeito da *composição visual*, isto é, ao modo como os elementos visuais se relacionam e ao modo como eles se integram para formar um todo significativo.

Os autores estabelecem três princípios da composição, os quais são inter-relacionados: o *valor informativo*, a *saliência* e a *estruturação*. Esses princípios não se aplicam somente a figuras mais simples, como uma foto ou um quadro, “mas também a materiais visuais complexos que combinam texto e imagem – e talvez outros elementos gráficos –, e que estejam numa página ou na televisão ou ainda na tela do computador” (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 177). Isso implica dizer que, numa composição multimodal, devemos considerar todos os elementos, inclusive os linguísticos, como participantes visuais.

O princípio do *valor informativo* refere-se ao valor específico assumido pelos elementos visuais de acordo com sua localização na página. O valor informativo está, portanto, atrelado às várias *zonas* do material visual: direita e esquerda, parte superior e parte inferior, centro e margem. Não é nossa intenção aprofundarmos esse assunto, uma vez que, neste artigo, não temos o valor informativo como um aspecto enfatizado na análise dos editoriais.

Outro princípio da composição apresentado por Kress & van Leeuwen (2006) é a *saliência*, que está relacionada com o modo como os participantes são dispostos para criar uma hierarquia de importância entre eles. O elemento que receber um grau de saliência maior é aquele tido como merecedor de maior atenção por parte do leitor. De acordo com os autores, podemos dar maior ou menor grau de saliência a um participante “através de certos fatores como o posicionamento em primeiro ou em segundo plano, o tamanho relativo, os contrastes quanto ao tom (ou à cor), diferenças quanto à nitidez etc.” (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 177).

A composição de uma página também envolve outro elemento-chave: a *estruturação*, isto é, a presença de elementos que formam linhas divisórias entre os participantes. Kress & van Leeuwen (2006, p. 177) determinam que “a presença ou ausência de estratégias de estruturação [...] desconecta ou conecta elementos da imagem, indicando que, em algum sentido, eles dependem ou não uns dos outros.” Segundo os autores, a ausência de estruturação indica uma identidade grupal entre os participantes e sua presença, ao contrário, individualiza e diferencia os mesmos.

#### 4 O gênero editorial

Como já foi afirmado, temos como foco de nosso estudo o editorial, gênero do domínio discursivo do jornalismo, cujo propósito comunicativo é “persuadir seus leitores a verem os fatos do modo como a instituição jornalística considera adequado, organizando sua estrutura argumentativa de acordo com essa intenção” (SOUZA, 2006, p. 65). Trata-se, pois, de um gênero com um teor altamente argumentativo e que exige do sujeito-produtor muita perspicácia em suas escolhas enunciativas, já que são essas escolhas que vão determinar a aceitação ou a rejeição da sua tese por parte do sujeito leitor. Também incluem-se nessas escolhas os recursos multimodais utilizados para compor os editoriais.

Como qualquer outro gênero, o editorial pode assumir naturezas múltiplas sem, no entanto, perder seu papel como veículo da opinião institucional. Assim sendo, concordamos com Souza (2006, p. 63), ao reconhecermos a *Carta do Editor*, da revista *Época*, a *Carta ao Leitor*, da revista *Veja* e o *Editorial* da revista *Istoé*, como pertencentes à “família do editorial”. Remetendo-nos à classificação feita por Sousa (2004), podemos também afirmar que os editoriais que compõem nosso *corpus* são de dois tipos: alguns são *editoriais de apresentação*, e exercem a função de apenas “apresentar” a edição atual da revista; outros são considerados *editoriais mistos*, pois além de “comentar” fatos de interesse do público, eles, ao mesmo tempo, “apresentam” o número do periódico.

O editorial é visto aqui como um gênero multimodal que se utiliza de recursos advindos de outros modos de representação, além do linguístico, para agir sobre o leitor de forma a fazê-lo aceitar o juízo de valor que expressa. Souza et al (2008), em pesquisa recentemente realizada, na qual analisaram editoriais de jornais e revistas com temáticas diversas, perceberam a presença de recursos tais como imagens, cores, diagramação, variação na fonte, letra capitular, dentre outros, os quais assumem papel determinante na construção dos sentidos globais dos textos analisados.

#### 5 Metodologia

Nosso *corpus* é composto por um total de 18 editoriais publicados nas revistas *Veja*, *Época* e *Istoé*, as quais possuem exemplares semanais. Esses suportes foram escolhidos por serem de grande alcance nacional e por tratarem de temas gerais da atualidade. Reunimos somente as últimas tiragens de cada revista no mês, entre os meses de janeiro e junho de 2010,

totalizando, assim, seis edições de cada revista, publicadas mensal e sequencialmente no período supramencionado. Para identificação dos editoriais, utilizamos como nomenclatura as letras iniciais dos nomes das revistas (ou seja, E, V e I), seguidas de um número que se refere ao mês de publicação dos editoriais. Assim temos, por exemplo, E-2 para o editorial de *Época* publicado no mês de fevereiro.

O primeiro passo foi verificar e classificar os tipos de recursos multimodais presentes nos editoriais. Tais dados foram quantificados em tabelas, o que nos possibilitou traçar um perfil multimodal dos textos analisados. Em seguida, esses resultados foram interpretados à luz dos estudos da multimodalidade discursiva, focando nos pressupostos da Gramática do *Design Visual*, de Kress & van Leeuwen (2006).

Observamos elementos como cores<sup>4</sup>, imagens, legendas, fontes variadas, distribuição do texto em colunas, dentre outros recursos multimodais. Objetivamos apresentar aqui uma análise geral desses recursos multimodais em todos os editoriais do *corpus*, lançando mão, inclusive, de dados quantitativos, com vistas a demonstrar a ocorrência desses recursos e o modo como eles participam na configuração do gênero investigado.

## 6 Recursos multimodais nos editoriais da *Época*

A investigação dos editoriais da *Época* revelou a presença de treze recursos multimodais em sua construção. São eles: imagem, legenda, cores, fontes tipográficas variadas, título, letra capitular, marcação do parágrafo, distribuição do texto em duas colunas (diagramação), estratégia de estruturação dentro do texto, assinatura manuscrita digitalizada, assinatura impressa, identificação funcional e margem.

---

<sup>4</sup> Incluem-se aqui as cores que fujam do preto e branco (elemento preto sobre o fundo branco).

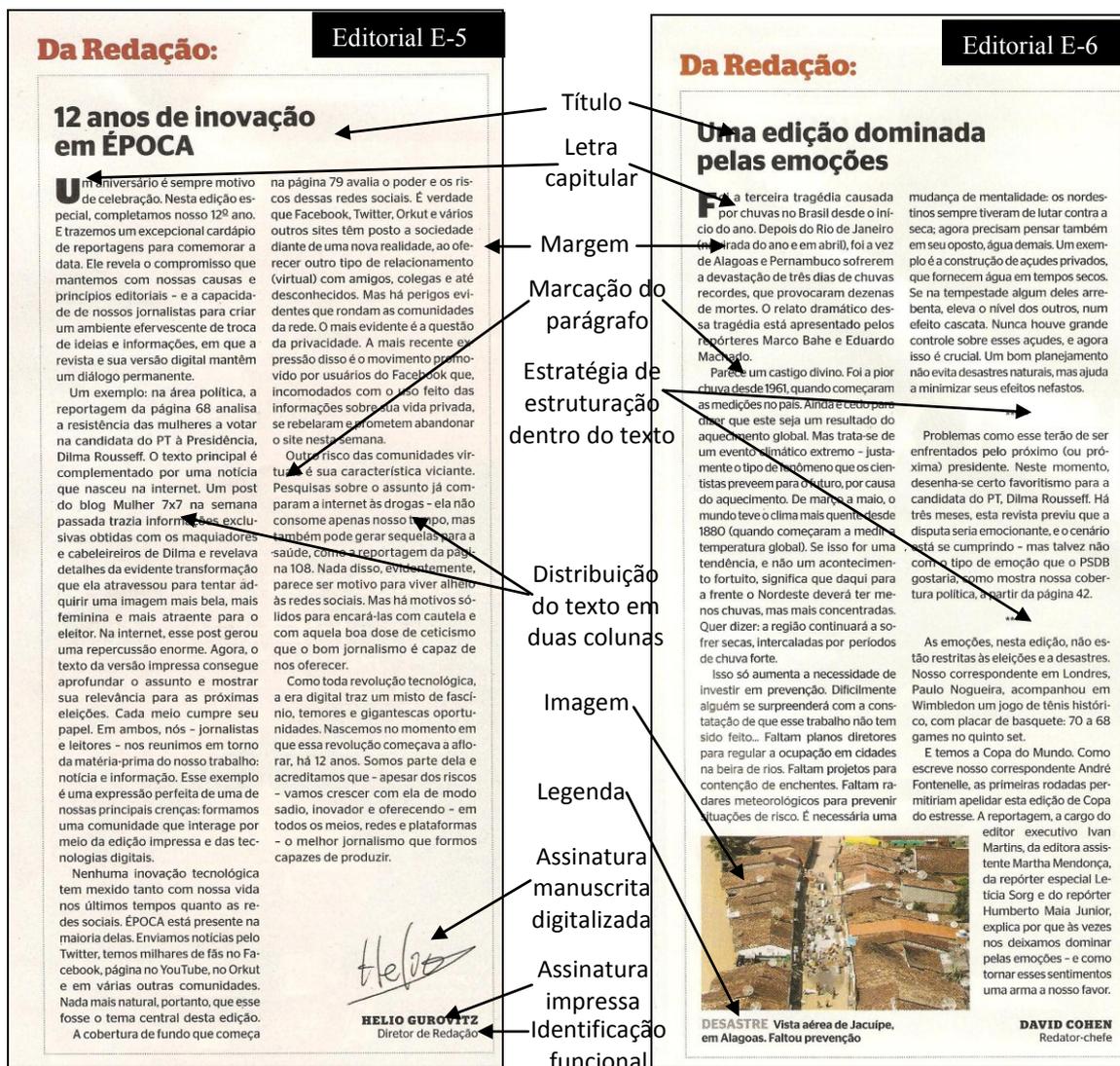


Figura 1. Recursos multimodais nos editoriais da *Época*  
 Fontes: *Época*, 31 de maio de 2010; *Época*, 28 de junho de 2010

Na Figura 1, observamos a utilização desses recursos em dois editoriais da *Época* (E-5 e E-6). Os recursos cores e fontes tipográficas variadas não estão indicados, mas são facilmente percebidos ao observarmos os editoriais. É necessário enfatizar que, em nossas análises, não levamos em conta o título da sessão (que no editorial em questão, aparece em vermelho no topo da página, com os dizeres “Da Redação:”), por considerar esse elemento como um recurso multimodal pertencente não ao gênero estudado, mas ao suporte, assumindo o papel de elemento de navegação que direciona o leitor no consumo da revista, indicando-lhe o local do gênero dentro do suporte.

Como se vê nos dois exemplos da Figura 1, os editoriais da *Época* apresentam algumas variações quanto à forma. A análise da Tabela 1, que segue abaixo, nos dá uma ideia dessas diferenças e apresenta, em números absolutos e percentuais, a ocorrência dos recursos nos seis editoriais da *Época* investigados.

RECURSOS MULTIMODAIS EM EDITORIAIS DA <i>ÉPOCA</i>	OCORRÊNCIAS ABSOLUTAS	OCORRÊNCIAS PERCENTUAIS
Assinatura impressa	06	100%
Assinatura manuscrita digitalizada	05	83,3%
Cores	05	83,3%
Distribuição do texto em duas colunas	06	100%
Estratégia de estruturação dentro do texto	01	16,7%
Fontes tipográficas variadas	06	100%
Identificação funcional	06	100%
Imagem	05	83,3%
Legenda	05	83,3%
Letra capitular	06	100%
Marcação do parágrafo	06	100%
Margem	06	100%
Título	06	100%

Tabela 1. Ocorrência dos recursos multimodais nos editoriais da *Época*

A Tabela 1 nos mostra que os seguintes recursos multimodais são comuns a todos os seis editoriais da *Época* que compõem o *corpus*: fontes tipográficas variadas, título, letra capitular, marcação do parágrafo, distribuição do texto em duas colunas, margem, assinatura impressa e identificação funcional. Tais recursos são, pois, fixos na configuração formal do editorial da *Época*, não havendo alteração motivada por conteúdo ou, até mesmo, estilo do autor, como no caso dos exemplares reproduzidos na Figura 1, que possuem autorias diferentes (E-5 recebe a assinatura de Hélio Gurovitz e E-6 recebe a de David Cohen).

O recurso fontes tipográficas variadas refere-se à mudança de tamanho, estilo (negrito, itálico ou sublinhado) ou tipo de fonte (*Times New Roman*, *Arial*, *Calibri* etc.), utilizada para dar destaque de saliência ou simplesmente para individualizar elementos como a legenda, o título, a letra capitular e os elementos de identificação autoral (assinatura e função do autor)<sup>5</sup>. Nessas condições, a variação de fontes tipográficas nos editoriais da *Época* está sempre associada a outros recursos multimodais; e, como se verá adiante, isso se refere também aos outros editoriais do *corpus*, ou seja, aos das revistas *Veja* e *Istoé*.

Os editoriais da *Época* apresentam sempre o título na parte superior da página e com muito destaque de saliência, proporcionado pelo uso de negrito e por ter um tamanho excessivamente maior em relação a todos os outros elementos verbais. Tanta evidência justifica-se pela importância do título na configuração do editorial. Ele representa a porta de entrada para o texto, o elemento verbal mais chamativo e o primeiro a ser processado. O título

<sup>5</sup> Além disso, também assume outras funções técnicas dentro do texto, como o uso de itálico ou negrito para dar destaque a obras artísticas, nomes de livros, jornais ou revistas, estrangeirismos etc.

traz a essência das ideias transmitidas pelo editorial, apresentando o tema e antecipando informações no intuito de gerar expectativas no leitor. Assim, é possível afirmar que a motivação do leitor (ou a falta dela) em continuar ou não a ler o editorial depende da apreciação prévia que ele faz do título.

Outro elemento com bastante saliência é a letra capitular, que também aparece negritada e com tamanho maior em relação aos outros elementos verbais. A letra capitular prende a percepção do leitor para si e, conseqüentemente, para o início do texto. Desse modo, espera-se que o leitor assíduo não se contente em ler apenas aquela letra, mas a palavra inteira e, em seguida, todo o primeiro período, todo o primeiro parágrafo ou até o texto integralmente. A letra capitular funciona como um forte estímulo à retina, seduzindo o consumidor da revista a ler o editorial para conhecer e, possivelmente, aceitar as teses defendidas nele.

Encontramos, também, como elemento padrão em todos os editoriais da *Época*, a marcação do parágrafo, que funciona como um organizador da percepção do leitor quanto ao texto. Destacando o início de cada parágrafo, o editorialista auxilia o leitor a ter uma visão mais clara sobre a organização do texto e de suas ideias, o que facilita seu processamento. Outro aspecto notável é a diagramação do texto dividido em colunas, que aparecem separadas por um espaço vazio. Esse recurso organiza a distribuição do texto e proporciona um aproveitamento mais efetivo do espaço destinado ao gênero dentro dos limites da página.

Destaca-se também, como recurso multimodal recorrente em todos os editoriais de *Época* investigados, a margem, formada por uma finíssima linha pontilhada que cerca todo o editorial. Assim, a margem funciona como uma estratégia de estruturação que cria um espaço reservado ao gênero, destacando-o dos demais elementos presentes na página em que ele foi posto e acrescentando um sentido de grupo e coesão semântica aos próprios elementos que compõem o editorial.

Presentes em todos os editoriais da *Época*, também, estão os recursos assinatura digitalizada e identificação funcional que se incluem nos recursos aos quais nos referimos como elementos de identificação autoral (ver Figura 1a). Como se pode observar, o nome do editor é escrito em caixa alta, negritado e com uma fonte um pouco maior. Vale lembrar que a assinatura é uma forma de dar credibilidade à opinião que está sendo apresentada no editorial. Porém, é importante enfatizar que, mesmo sendo assinado, o editorial da *Época* continua representando a opinião de toda a empresa, pois o profissional responsável por escrevê-lo procura seguir a linha da revista que publica seu texto. Afinal, como define Marques de Melo

(2003, p. 103) o editorial é “o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”, assim sendo, não representa um julgamento individual. Por sua vez, a identificação funcional ratifica o papel do editorialista como um representante de alto cargo dentro da *Época*, característica que o qualifica a falar em nome da revista e expressar a opinião institucional.



Figura 1a. Elementos de identificação autoral em editorial da *Época*

Fonte: *Época*, 31 de maio de 2010

Falemos, agora, das variações quanto aos recursos multimodais presentes em *Época*. Cinco recursos não estão presentes em cem por cento (100%) dos editoriais dessa revista, quais sejam: estratégias de estruturação dentro do texto, assinatura manuscrita digitalizada, imagem, legenda e cores. Essa diversidade no uso dos recursos visuais nos textos examinados nos chama a atenção para o caráter maleável e fluido do gênero editorial, o que está de acordo com a posição que Bakhtin (2003) toma ao dizer que os gêneros textuais têm um caráter mais ou menos flexível. O autor complementa seu pensamento afirmando que os gêneros podem moldar-se de acordo com a “vontade discursiva individual” de cada falante (BAKHTIN, 2003, p. 283).

A nosso ver, foi a iniciativa individual dos autores dos editoriais o fator decisivo para algumas variações encontradas nos textos da *Época* investigados aqui. Tais textos receberam assinaturas de dois editores diferentes: cinco deles (E-1, E-2, E-3, E-4 e E-5) foram assinados por Hélio Gurovitz (Diretor de Redação da *Época*) e um (E-6) por David Cohen (Redator-chefe da revista). Voltando à Figura 1, que mostra os editoriais E-5 e E-6, podemos ter uma ideia das mudanças que os estilos de ambos os autores podem ter determinado.

Entre essas mudanças, está a assinatura manuscrita digitalizada, presente em todos os cinco editoriais assinados por Hélio Gurovitz (o que representa 83,3% dos editoriais da *Época*), mas não se encontra no único editorial de autoria de David Cohen. A assinatura manuscrita digitalizada traz ao editorial a marca pessoal do editorialista, como um símbolo que reforça a credibilidade que a assinatura impressa já transmite. Além disso, o recurso

utilizado por Hélio Gurovitz tem o potencial de conotar subjetividade, inibindo um pouco o caráter sóbrio que, segundo Marques de Melo (2003), subjaz os gêneros jornalísticos.

**Editorial E-6**

**Da Redação:**

**Uma edição dominada pelas emoções**

Foi a terceira tragédia causada por chuvas no Brasil desde o início do ano. Depois do Rio de Janeiro (na virada do ano e em abril), foi a vez de Alagoas e Pernambuco sofrerem a devastação de três dias de chuvas recordes, que provocaram dezenas de mortes. O relato dramático dessa tragédia está apresentado pelos repórteres Marco Bahe e Eduardo Machado.

Parece um castigo divino. Foi a pior chuva desde 1961, quando começaram as medições no país. Ainda é cedo para dizer que este seja um resultado do aquecimento global. Mas trata-se de um evento climático extremo - justamente o tipo de fenômeno que os cientistas preveem para o futuro, por causa do aquecimento. De março a maio, o mundo teve o clima mais quente desde 1880 (quando começaram a medir a temperatura global). Se isso for uma tendência, e não um acontecimento fortuito, significa que daqui para a frente o Nordeste deverá ter menos chuvas, mas mais concentradas. Quer dizer: a região continuará a sofrer secas, intercaladas por períodos de chuva forte.

Isso só aumenta a necessidade de investir em prevenção. Difícilmente alguém se surpreenderá com a constatação de que esse trabalho não tem sido feito... Faltam planos diretores para regular a ocupação em cidades na beira de rios. Faltam projetos para contenção de enchentes. Faltam radares meteorológicos para prevenir situações de risco. É necessária uma mudança de mentalidade: os nordestinos sempre tiveram de lutar contra a seca; agora precisam pensar também em seu oposto, água demais. Um exemplo é a construção de açudes privados, que fornecem água em tempos secos. Se na tempestade algum deles arrebenta, eleva o nível dos outros, num efeito cascata. Nunca houve grande controle sobre esses açudes, e agora isso é crucial. Um bom planejamento não evita desastres naturais, mas ajuda a minimizar seus efeitos nefastos.

Problemas como esse terão de ser enfrentados pelo próximo (ou próxima) presidente. Neste momento, desenha-se certo favoritismo para a candidata do PT, Dilma Rousseff. Há três meses, esta revista previu que a disputa seria emocionante, e o cenário está se cumprindo - mas talvez não com o tipo de emoção que o PSDP gostaria, como mostra nossa cobertura política a partir da página 42.

As emoções, nesta edição, não estão restritas às eleições e a desastres. Nosso correspondente em Londres, Paulo Nogueira, acompanhou em Wimbledon um jogo de tênis histórico, com placar de basquete: 70 a 68 games no quinto set.

E temos a Copa do Mundo. Como escreve nosso correspondente André Fontenelle, as primeiras rodadas permitiriam apelar esta edição de Copa do estresse. A reportagem, a cargo do editor executivo Ivan Martins, da editora assistente Martha Mendonça, da repórter especial Leticia Sorg e do repórter Humberto Maia Junior, explica por que às vezes nos deixamos dominar pelas emoções - e como tornar esses sentimentos uma arma a nosso favor.

**DESASTRE** Vista aérea de Jacuipe, em Alagoas. Faltou prevenção

**DAVID COHEN**  
Redator-chefe

**Legenda de conteúdo**

	Chuvas no Nordeste (comentário)
	Cobertura das eleições (apresentação)
	Matérias sobre esportes (apresentação)

Figura 1b. Estratégias de estruturação dentro do texto de E-6  
Fonte: *Época*, 28 de junho de 2010

Os recursos imagem, legenda e cores também não são unânimes nos editoriais de *Época* investigados. Eles constam em cinco editoriais (o que representa 83,3%), excetuando apenas o editorial E-5, como pode ser visto na Figura 1. A variação em relação a esses três recursos não parece ser motivada pelo estilo pessoal de Hélio Gurovitz (que assina E-5), já que nos outros editoriais assinados por ele (ou seja, E-1, E-2, E-3 e E-4) esses recursos estão presentes. Então, o que explica a ausência desses recursos no editorial em questão?

Em primeiro lugar, foi observado que os recursos legenda e cores são dependentes do recurso imagem. Em relação à legenda, essa informação é bem previsível, já que o papel fundamental dela é o de acompanhar a imagem, explicando-a ou ampliando seu sentido. Nos demais editoriais de *Época*, a legenda (ver Figura 1d) segue uma forma padrão: possui uma

espécie de título, o qual denominamos cabeça, que vem em caixa alta, numa fonte um pouco maior e com uma tonalidade de preto mais clara; logo abaixo, vem o restante da legenda, com letras em estilo negrito e com um tamanho um pouco menor. Já em relação às cores, esse é um recurso que, nos editoriais de *Época* investigados, só aparece atrelado às imagens, com a função de dar um maior realismo aos fatos representados nelas. Ele não aparece, por exemplo, para destacar um elemento verbal do texto, do título, da legenda ou dos elementos de identificação autoral, ou mesmo para destacar e acrescentar sentidos à margem (lembrando que excluímos de nossa análise o título da seção, elemento que, no editorial de *Época*, recebe a cor vermelha). Assim sendo, legenda e cores não estão presentes em E-5 porque esse editorial não apresenta imagem, o que nos leva ao segundo ponto do nosso argumento.



Figura 1d. Legenda em editorial da *Época*  
Fonte: *Época*, 28 de junho de 2010

A ausência da imagem pode ter sido provocada por diferentes motivos, dentre os quais: o conteúdo de E-5; a ocupação pelo texto de grande parte do espaço destinado ao editorial, que não permitiu colocar uma fotografia com tamanho suficiente para ser observada com nitidez; ou quem sabe até por vontade pura e simples do editorialista. Mesmo sem chegarmos a uma resposta definitiva para essa querela, é interessante ressaltar que é a ausência de imagens que nos causa estranhamento e foge ao padrão do *corpus*, e não o contrário. Tal fato nos leva a reconhecer o papel cada vez mais participativo e fundamental da imagem na comunicação e, principalmente, em veículos como a revista. A comunicação parece trilhar um caminho sem volta em que o padrão a ser seguido será o dos textos ricos visualmente. A seguir, analisamos as ocorrências e funções dos recursos multimodais presentes nos editoriais de *Veja* que compõem nosso *corpus*.

## 7 Recursos multimodais nos editoriais da *Veja*

Os editoriais da revista *Veja* que compõem nosso *corpus* apresentam nove recursos multimodais diferentes, a saber: imagem, legenda, cores, fontes tipográficas variadas, título, letra capitular, marcação do parágrafo, distribuição do texto em duas colunas e margem. Na Figura 2, estão indicados todos esses elementos em um dos editoriais da *Veja* investigados, ou

seja, V-6. O uso de cores e de fontes variadas não está sendo destacado na Figura 2, mas pode ser claramente percebido.



Figura 2. Recursos multimodais em editorial da *Veja*  
Fonte: *Veja*, 30 de junho de 2010

Diferentemente do que ocorre nos editoriais da *Época*, analisados anteriormente, o que se vê entre os editoriais da *Veja* é uma grande semelhança estrutural. Os recursos visuais que visualizamos em um exemplar foram encontrados em todos os demais analisados. A Tabela 2 mostra a ocorrência absoluta e percentual dos recursos visuais nos editoriais da *Veja*. Nela, notamos que todos os recursos são unânimes nos 6 editoriais da revista analisados (ou seja, 100%), indicando que a *Veja* tem a preocupação de padronizar seus editoriais, talvez para facilitar o reconhecimento do gênero por parte dos leitores.

No padrão seguido pelos editoriais da *Veja*, temos sempre como elemento mais saliente a imagem, o que a torna, portanto, o primeiro item a ser processado pelo leitor. Esse recurso está presente, diferentemente do que ocorreu nos editoriais da *Época*, em todos os editoriais de *Veja* pesquisados. Outro aspecto que diferencia a imagem utilizada pelos

editoriais dessa revista das utilizadas nos demais editoriais estudados (ou seja, os das revistas *Época* e *Istoé*) é o seu tamanho muito avantajado, ocupando um grande espaço dentro da composição. A imagem caracteriza-se também por ser o único recurso multimodal colorido nos editoriais de *Veja*, o que também opera para tornar tal elemento o mais saliente da composição. Assim, o recurso cores está associado unicamente à imagem e, portanto, uma vez que todas as imagens encontradas nos editoriais de *Veja* são coloridas, este recurso multimodal também tem ocorrência de 100%.

RECURSOS MULTIMODAIS EM EDITORIAIS DA VEJA	OCORRÊNCIAS ABSOLUTAS	OCORRÊNCIAS PERCENTUAIS
<b>Cores</b>	06	100%
<b>Distribuição do texto em duas colunas</b>	06	100%
<b>Fontes tipográficas variadas</b>	06	100%
<b>Imagem</b>	06	100%
<b>Marcação do parágrafo</b>	06	100%
<b>Legenda</b>	06	100%
<b>Letra capitular</b>	06	100%
<b>Título</b>	06	100%
<b>Margem</b>	06	100%

Tabela 2. Ocorrência dos recursos multimodais nos editoriais da *Veja*

Sempre anexa à imagem vem a legenda, que aparece em todos os editoriais de *Veja* investigados. Tal recurso tem a função de explicar e/ou adicionar novas informações à imagem. Nos editoriais de *Veja*, a legenda, como podemos ver na Figura 2a, também possui uma espécie de título, o qual nos referimos como cabeça, que está em negrito, diferenciando-se do restante da legenda, que possui estilo itálico. Aliás, outro recurso unânime é a fonte tipográfica variada que, como vimos anteriormente, vem sempre associada a outros recursos, como a própria legenda, a letra capitular, o título e os demais elementos verbais que compõem o editorial, tendo a função de dar destaque a esses elementos.

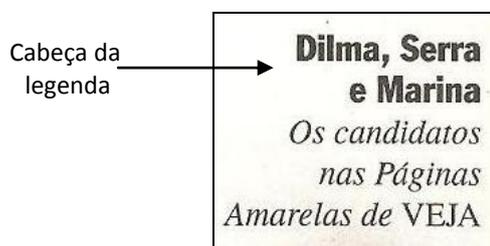


Figura 2a. Legenda em editorial da *Veja*  
 Fonte: *Veja*, 30 de junho de 2010

Também encontramos em todos os exemplares de *Veja* analisados o título do editorial que vem escrito em estilo negrito e fonte consideravelmente maior em relação ao texto, o que

lhe dá muito destaque visual e torna-o o segundo elemento mais saliente da composição. O terceiro elemento mais saliente é a letra capitular, que também ocorre em 100% dos editoriais de *Veja*. Como já foi discutido, a letra capitular cumpre a função de chamar a atenção do leitor para o início do texto, seduzindo-o a começar a leitura.

A distribuição do texto em duas colunas é mais um recurso presente em 100% dos editoriais de *Veja*. Como dissemos anteriormente, a distribuição do texto em colunas estreitas permite ao editorialista aproveitar o máximo possível o espaço da página. Foi percebido também que, diferentemente dos editoriais de *Época* e de *Istoé*, que trazem o texto justificado, os editoriais de *Veja* têm o texto alinhado à esquerda, o que torna as linhas desiguais, dando uma impressão de maior liberdade e movimento.

Também apresentam ocorrência de 100% os recursos marcação do parágrafo e margem. Como foi frisado, a marcação que destaca o início dos parágrafos é um recurso que permite ao leitor perceber a organização das ideias do texto, facilitando seu processamento. Por sua vez, a margem cumpre o papel de destacar o editorial dos outros elementos presentes na página em que ele está localizado, além de imprimir um sentido de coesão semântica entre os elementos que compõem o gênero.

Um aspecto notável dos editoriais de *Veja* que o distingue dos editoriais de *Época* e *Istoé*, é que nenhum dos exemplares analisados recebe qualquer tipo de assinatura. Essa é uma característica peculiar às publicações (revistas e jornais) voltadas para a informação.<sup>6</sup> A ausência de assinatura confere ao texto um caráter coletivo e institucional, reforçando a ideia de que as opiniões expressas nele pertencem à instituição *Veja* como um todo. Na próxima seção, continuamos a traçar o perfil multimodal do gênero editorial, dessa vez, investigando os exemplares da revista *Istoé*.

## 8 Recursos multimodais nos editoriais da *Istoé*

A análise dos editoriais da *Istoé* revelou a presença de sete recursos multimodais em suas configurações, sendo eles: imagens, cores, fontes tipográficas variadas, título, marcação do parágrafo, distribuição do texto em duas colunas, assinatura impressa/identificação funcional. A Figura 3 mostra o editorial I-2, pertencente a essa revista, apontando a presença desses recursos, com exceção de cores e fontes tipográficas variadas, que não estão indicadas, mas podem ser facilmente notadas.

---

<sup>6</sup> Excluem-se aqui os editoriais de algumas revistas como a *Época* e a *Istoé*, os quais, como observamos nesta pesquisa, trazem a assinatura do editor.

Comparando os editoriais dos três suportes contemplados nessa pesquisa, podemos afirmar que, com sete recursos multimodais, os editoriais de *Istoé* são os que possuem menos informatividade visual, uma vez que os de *Época*, que, pelo contrário, possuem maior informatividade visual, apresentaram treze recursos e os de *Veja*, nove recursos. Podemos perceber também que, do mesmo modo como ocorreu na análise dos editoriais de *Veja*, a análise de *Istoé* também apresentou unanimidade de ocorrência de todos os recursos multimodais, ou seja, todos os recursos apresentados por um exemplar ocorrem igualmente em todos os demais, assim como revela a Tabela 3, que mostra a ocorrência absoluta e percentual dos recursos multimodais que compõem o editorial da *Istoé*.



Figura 3. Recursos multimodais em editorial da *Istoé*  
Fonte: *Istoé*, 24 de fevereiro de 2010

RECURSOS MULTIMODAIS EM EDITORIAIS DA <i>ISTOÉ</i>	OCORRÊNCIAS ABSOLUTAS	OCORRÊNCIAS PERCENTUAIS
Assinatura impressa Identificação funcional	06	100%
Cores	06	100%
Distribuição do texto em duas colunas	06	100%
Fontes tipográficas variadas	06	100%
Imagem	06	100%
Marcação do parágrafo	06	100%
Título	06	100%

Tabela 3. Ocorrência dos recursos multimodais nos editoriais da *Istoé*

Essa homogeneidade dos recursos pode significar que a *Istoé*, assim como sua concorrente *Veja*, tem a pretensão de padronizar seus editoriais, a fim de garantir reconhecimento automático desse gênero por parte dos consumidores. Mas isso também pode ser explicado pelo fato de os seis editoriais de *Istoé*, que foram analisados, serem assinados pelo mesmo editorialista, Carlos José Marques, não havendo, assim, a possibilidade de haver diferenças de estilo, como no caso dos editoriais de *Época*, contemplados na seção 6, que recebem assinaturas de dois editorialistas diferentes.

Um dos recursos multimodais encontrados em todos os editoriais da *Istoé* é a imagem, a qual também ganha muito destaque de saliência, por ser o único elemento colorido da composição e por ocupar um espaço relativamente grande no *layout*. Assim sendo, nesses editoriais, a imagem também representa um item de informação altamente relevante para a construção dos sentidos globais desses textos.

Um aspecto que particulariza os editoriais da *Istoé* é que nenhum dos exemplares analisados possui legenda, o que traz, aparentemente, mais independência semântica ao recurso imagem, uma vez que esta não está acompanhada de nenhum elemento verbal com a função exclusiva de explicar-lhe ou completar as lacunas de significado que possam existir. Outros elementos verbais, como o próprio texto e, algumas vezes, o título, encarregam-se dessa função, oferecendo pistas para que o leitor complete o sentido da imagem.

Não estamos, com isso, querendo dizer que a imagem não é capaz de construir sentidos independentemente, precisando, para isso, apoiar-se em elementos verbais como a legenda; mas apenas que certas imagens deixam algumas lacunas referenciais que a legenda, ou outros elementos verbais podem preencher e/ou ampliar o sentido, o que também vale para o verso da relação, os elementos visuais também podem preencher lacunas semânticas deixadas pelo modo linguístico. Assim, nenhuma das partes (visual/verbal) é exclusivamente dependente da outra; cada uma é suficientemente capaz de produzir sentidos isoladamente. No entanto, uma vez que esses dois modos unem-se para constituir uma mensagem multimodal, passam a colaborar numa relação de co-dependência para a construção do sentido social total.

Como mostra a tabela 3, os recursos cores e fontes tipográficas variadas aparecem em 100% dos editoriais de *Istoé*. Assim como ocorre nos editoriais de *Época* e *Veja*, o recurso cores aparece aqui associado exclusivamente à imagem, com o papel de acrescentar realismo a ela; nenhum outro elemento apresenta cores que fujam do branco e preto (em suas diferentes tonalidades). Como vimos anteriormente, as fontes tipográficas variadas são mais um recurso

que se apresenta inexoravelmente ligado a outros componentes, como o título, o texto, os elementos de identificação autoral etc.; nos editoriais da *Istoé*, não é diferente.

Logo depois da imagem, o segundo elemento mais saliente nos editoriais de *Istoé* é o título. Tanto destaque é dado a esse elemento, por ser a porta de entrada para o editorial e pelo fato de que de sua leitura poderá depender o interesse ou não do leitor em continuar o processamento do texto. Em todos os editoriais de *Istoé* analisados, o texto apresenta marcação do parágrafo, o que dá ao leitor a noção exata da organização textual. Além disso, em todos eles, o texto distribui-se em coluna dupla, de modo que haja um aproveitamento mais efetivo do espaço utilizado pelo editorialista. Outro aspecto ligado ao texto é o fato de que, assim como no caso dos editoriais de *Época* analisados anteriormente, suas linhas vêm justificadas, passando assim a ideia de ordem e rigor formal.

Também estão presentes em 100% dos editoriais de *Istoé* analisados, os recursos assinatura impressa e identificação funcional, que correspondem ao que chamamos de elementos de identificação autoral (ver Figura 3a). No caso dos editoriais da *Istoé*, estes recursos aparecem formando um só elemento, pois estão na mesma linha e com mesmo tamanho e estilo de letra (negrito e itálico). Assim, diferente do editorial de *Época*, em que o nome do autor recebia maior saliência, no editorial da *Istoé*, é atribuído o mesmo grau de relevância para o nome do editorialista e sua função dentro da revista.



Figura 3a. Elementos de identificação autoral em editorial da *Istoé*  
Fonte: *Istoé*, 24 de fevereiro de 2010

## 9 Perfil multimodal dos editoriais de revistas

Como vimos, cada revista aqui analisada cria um padrão multimodal diferente para o editorial, sendo alguns mais rígidos que outros. Desse modo, o consumidor de cada um desses suportes pode reconhecer facilmente o gênero assim que olha a página onde ele é publicado, e cria uma expectativa em torno dos elementos que vai encontrar em sua composição, podendo, como no caso da *Época*, ser surpreendido com a variação no uso de alguns deles.

Apesar de seguirem modelos distintos, os editoriais dos diferentes suportes pesquisados revelaram entre si muitas semelhanças no uso dos recursos multimodais, o que pode ser reflexo da existência de um padrão multimodal global do gênero editorial de revista. Isso pode ser mais bem observado na Tabela 4, que expõe as ocorrências absolutas e

percentuais dos recursos multimodais em relação a todos os editoriais que compõem o *corpus*. Esse padrão multimodal auxilia na leitura e na identificação do gênero editorial, pois, como explica Dionísio (2005b, p. 166), a mera apresentação visual ou layout de uma página “dá ao leitor um sentido imediato do gênero textual ali assentado”.

Como podemos observar na Tabela 4, os recursos fontes tipográficas variadas, título, marcação do parágrafo e distribuição do texto em duas colunas foram identificados em 100% dos editoriais analisados, consistindo, assim, em aspectos prototípicos do gênero editorial de revista. Os recursos imagem e cores assumem *status* semelhantes a tais aspectos, visto que estão ausentes em apenas um dos editoriais analisados, representando uma ocorrência de 94,4%. A ausência desses elementos no editorial E-5 é considerada, a nosso ver, como uma exceção à regra.

<b>RECURSOS MULTIMODAIS EM TODOS OS EDITORIAIS DO <i>CORPUS</i></b>	<b>OCORRÊNCIAS ABSOLUTAS</b>	<b>OCORRÊNCIAS PERCENTUAIS</b>
<b>Assinatura impressa</b>	12	66,7%
<b>Assinatura manuscrita digitalizada</b>	5	27,8%
<b>Cores</b>	17	94,4%
<b>Distribuição do texto em duas colunas</b>	18	100%
<b>Estratégia de estruturação dentro do texto</b>	1	5,6%
<b>Fontes tipográficas variadas</b>	18	100%
<b>Identificação funcional</b>	12	66,7%
<b>Imagem</b>	17	94,4%
<b>Legenda</b>	11	61,1%
<b>Letra capitular</b>	12	66,7%
<b>Marcação do parágrafo</b>	18	100%
<b>Margem</b>	12	66,7%
<b>Título</b>	18	100%

Tabela 4. Ocorrência dos recursos multimodais em todos os editoriais do *corpus*

Por sua vez, os recursos letra capitular, assinatura impressa, identificação funcional e margem (com ocorrência de 66,7%), além da legenda (61,1%), da assinatura manuscrita digitalizada (66,7%) e da estratégia de estruturação dentro do texto (5,6%) podem ser considerados elementos possíveis de ocorrerem no gênero, mas não prototípicos, dependendo de fatores como o estilo da revista, o estilo individual do editorialista, o conteúdo do editorial, dentre outros.

## 10 Considerações finais

Os resultados obtidos com nossa análise mostraram que os suportes *Época*, *Veja* e *Istoé* constituem, para seus respectivos editoriais, uma espécie de padronização no uso dos

recursos multimodais que os compõem. Esses modelos diferem de uma revista para outra e podem ser mais rígidos (como na *Veja* e na *Istoé*) ou mais plásticos (como na *Época*). Assim, supomos que o público desses periódicos está acostumado a encontrar semanalmente, em cada exemplar, o mesmo padrão multimodal para o editorial e pode reconhecer facilmente o gênero assim que olha para a página onde ele está publicado. Com isso, o leitor cria uma expectativa em torno dos elementos que vai encontrar em sua composição e pode, como no caso da *Época*, ser surpreendido com a variação no uso de alguns deles.

A análise também mostrou que, apesar de seguirem modelos distintos, os editoriais dos diferentes suportes pesquisados apresentam muitos recursos multimodais comuns entre si, o que evidencia a existência de um padrão multimodal global do gênero editorial de revista. Em tal configuração, a imagem destaca-se como um elemento fortemente recorrente, o que nos leva a reconhecer seu papel cada vez mais participativo e fundamental na comunicação, principalmente, em se tratando de veículos como é o caso da revista. Tal fato também nos conduz a apontar a presença da imagem como um dos fatores de distinção mais evidentes entre o editorial de revista e o editorial de jornal.

Realizar uma análise como a efetivada neste trabalho nos proporcionou refletir sobre a presença cada vez mais prevalente de elementos visuais para compor os significados dos textos que circulam socialmente. Nesses artefatos comunicativos, o peso da imagem na divulgação de informações tem-se tornado cada vez mais determinante. Esta pesquisa trouxe para o centro da discussão a presença da multimodalidade no gênero editorial, uma vez que esse gênero, pertencente ao jornalismo opinativo, é um dos mais importantes na expressão de pontos de vista na sociedade atual. O uso de signos não-linguísticos atrelados ao texto escrito torna esse gênero, a nosso ver, mais informativo e atraente, além de fazer com que o processo de leitura se transforme em uma atividade cognitiva mais complexa e desafiadora para o leitor.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005a, p. 177-196.

\_\_\_\_\_. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M. et al (Org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, Paraná: Kay Gangue, 2005b, p. 159-175.

KRESS, G. R.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. London and New York: Routledge, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M. et al. (Org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kay Gangue, 2005, p. 17-33.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOZDZENSKI, L. **Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. (Teses e Dissertações).

SANTOS, F. R. da S. **Multimodalidade e produção de sentidos no editorial de revista**, 2011, 191f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2011.

SOUSA, J. P. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação**. Florianópolis-SC: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, M. M. de; AQUINO, L. D.; SANTOS, F. R. S & TEIXEIRA, F. C. Q. R.. **A multimodalidade no gênero editorial**. Relatório técnico. UERN: Pau dos Ferros, 2008.

SOUZA, M. M. de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 2006. 419f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

#### **REFERÊNCIAS DOS EDITORIAIS QUE COMPÕEM O CORPUS**

A notícia é só o começo. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. ed. 2162, ano 43, n. 17, 28 de abril de 2010.

COHEN, D. Uma edição dominada pelas emoções. **Época**, São Paulo: Globo, n. 632, 28 de junho de 2010.

GUROVITZ, H. 12 anos de inovação em ÉPOCA. **Época**, São Paulo: Globo, n. 628, 31 de maio de 2010.

GUROVITZ, H. A missão mais simples e mais nobre do jornalismo. **Época**, São Paulo: Globo, n. 610, 25 de janeiro de 2010.

GUROVITZ, H. Nosso papel num ano de eleição nacional. **Época**, São Paulo: Globo, n. 614, 22 de fevereiro de 2010.

GUROVITZ, H. O mais novo fenômeno evangélico. **Época**, São Paulo: Globo, n. 619, 29 de março de 2010.

GUROVITZ, H. Uma investigação sobre como funciona o aprendizado. **Época**, São Paulo: Globo, n. 623, 26 de abril de 2010.

Já ganhamos esta eleição. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. ed. 2171, ano 43, n. 26, 30 de junho de 2010.

MARQUES, C. J. A mudança do código. **Istoé**, São Paulo: Editora Três. ano 34, n. 2102, 24 de fevereiro de 2010.

MARQUES, C. J. A ocupação do Haiti. **Istoé**, São Paulo: Editora Três. ano 34, n. 2098, 27 de janeiro de 2010.

MARQUES, C. J. Devastação e abandono. **Istoé**, São Paulo: Editora Três. ano 34, n. 2120, 30 de junho de 2010.

MARQUES, C. J. Irã-contras, parte 2. **Istoé**, São Paulo: Editora Três. ano 34, n. 2115, 26 de maio de 2010.

MARQUES, C. J. O abril vermelho. **Istoé**, São Paulo: Editora Três. ano 34, n. 2111, 28 de abril de 2010.

MARQUES, C. J. Vice não é moeda de troca. **Istoé**, São Paulo: Editora Três. ano 34, n. 2107, 31 de março de 2010.

O pior e o melhor do homem. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. ed. 2149, ano 43, n. 4, 27 de janeiro de 2010.

O tesouro da infância. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. ed. 2166, ano 43, n. 21, 26 de maio de 2010.

O trilho institucional. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. ed. 2153, ano 43, n. 8, 24 de fevereiro de 2010.

Um espetáculo de julgamento. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. ed. 2158, ano 43, n. 13, 31 de março de 2010.

Data de Recebimento: 30 de abril de 2012.

Data de aceite: 18 de junho de 2012.